



HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO NA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ¹

Ricardo Frugoli²

Mirian Rejowski³

Sênia Regina Bastos⁴

Resumo: O Círio de Nazaré é considerado a maior festa religiosa do país, contando com a participação anual de mais de 10 milhões de pessoas. Dentre elas, destacam-se os romeiros, cujo fluxo - apesar de não contabilizado - aumenta a cada ano e origina-se das mais diversas partes do Brasil e do mundo. Uma das romarias mais conhecidas é a Romaria Nossa Senhora de Nazaré, popularmente conhecida como Romaria do Zé Bode. O presente artigo, fruto de uma pesquisa etnográfica, baseia-se no referido grupo e tem como objetivo analisar as figuras, os locais e as práticas de hospitalidade e acolhimento observados no trajeto feito pelo grupo, de Castanhal até Belém.

Palavras-Chave: Hospitalidade; Acolhimento; Turismo religioso; Romaria de Nossa Senhora de Nazaré; Círio de Nazaré.

Religious tourism, hospitality and welcoming acts in the pilgrimage of our lady of nazareth: the path to the mother's holy house

Abstract: *The Círio de Nazaré is considered the biggest religious festival in the country with more than 10 million participants annually. The Pilgrimage of Our Lady of Nazareth, popularly known as 'Zé Bode' pilgrimage, is one of the most famous pilgrimages. This article is the result of ethnographic research based on the referred group and aims at analyzing the icons, the places, and hospitality practices as well as welcoming acts observed during the trip taken by the group from Castanhal to Belém.*

Keywords: *Hospitality. Welcoming acts. Religious tourism. Pilgrimage of Our Lady of Nazareth. Círio de Nazaré.*

Hospitalidad y bienvenida en la peregrinación de Nuestra Señora de Nazaré

Resumen: El Círio de Nazaré es considerado el mayor de los festejos religiosos del país, contando con la participación anual de más de 10 millones de personas. Entre estas, destacan los romeros, cuyo flujo, a pesar de no estar contabilizado, aumenta cada año y se origina de cualquier parte de Brasil y del mundo. Una de las Romerías más

1 A pesquisa, realizada no curso de doutorado em Hospitalidade (UAM - SP), contou com financiamento da CAPES.

2 Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG - Ouro Preto) - Ouro Preto - Minas Gerais - Brasil - doutormanicoba@gmail.com - Orcid: 0000-0002-0531-5525

3 Universidade Anhembi Morumbi (UAM) - São Paulo - Brasil - mirwski@gmail.com - Orcid: 0000-0001-6135-0221

4 Universidade Anhembi Morumbi (UAM) - São Paulo - Brasil - seniabastos@gmail.com - Orcid: 0000-0001-9978-1836

conocidas es la de Nuestra Señora de Nazaré, popularmente conocida como Romería del Zé Bode. El siguiente artículo, fruto de una investigación etnográfica, se basa en el referido grupo y tiene como objetivo analizar las figuras, los lugares y las prácticas de hospitalidad y acogimiento observados en el trayecto hecho por el grupo, desde Castañal hasta Belém.

Palabras Clave: Hospitalidad; Acogimiento; Turismo religioso; Romería de Nuestra Señora de Nazaré; Cirio de Nazaré.

INTRODUÇÃO

Considerando-se que a religiosidade no Brasil é um campo de estudo vasto e diversificado, a Festa do Círio de Nazaré apresenta alta relevância na matriz fundadora de origem cristã, particularmente ligada à fé católica. Como uma festa popular de grande expressão, movimenta o segmento do turismo religioso com o afluxo de turistas, devotos, romeiros e curiosos de todo o estado paraense, assim como de outros estados brasileiros, e até do exterior.

Embora haja bibliografia sobre os festejos do Círio de Nazaré e as suas manifestações que ocorrem em Belém, deparou-se com a escassez de pesquisas sobre essas romarias. Dos grupos de romeiros caminhantes, que fazem de seu sacrifício uma grande celebração, o maior deles, de acordo com informações de voluntários da Casa de Plácido⁵, é o Grupo do Zé Bode – nome popular da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.

A origem do grupo remete à figura de Zé Bode, que, em 1979, iniciou o trajeto portando uma cruz como forma de agradecimento à promessa feita pela saúde do filho. Anos mais tarde, Nazareno Abraçado, professor de Educação Física, passou a fazer parte do grupo, tornando-se figura indispensável à organização do evento, que atualmente está sob sua chancela nos mais variados aspectos, desde a captação de recursos até a organização geral. No fim da década de 2000, essa romaria, que sai da cidade de Castanhal e chega a Belém em um percurso de aproximadamente 80 quilômetros, foi declarada patrimônio artístico e cultural do estado do Pará pela Lei nº 7.259/2009, devido a sua expressão religiosa.

O presente artigo apresenta os principais resultados da pesquisa etnográfica realizada com o objetivo de investigar a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, evento religioso de expressão no Círio de Nazaré, a partir da hospitalidade ofertada na forma de ações de acolhimento aos romeiros, em lugares planejados ou não para esse fim. Para alcançar esse objetivo, ele foi decomposto em: a) identificar os integrantes e seus papéis na romaria, caracterizando diversos tipos de devotos à Santa, quer como anfitriões, quer como hóspedes; b) analisar a emergência dos lugares de hospitalidade durante o trajeto dos romeiros, no qual anfitriões ofertam acolhimento aos romeiros, seus hóspedes; c) discutir as ações de acolhimento nesses lugares, configurando-as de modo a explicitar as práticas de hospitalidade nesse evento religioso.

Para tanto, inicia-se com apontamentos teóricos sobre a hospitalidade como uma dimensão da dádiva, e sua relação com as ações de acolhimento na tríade dar-receber-retribuir no âmbito da devoção religiosa (MAUSS, 2001; GODBOUT, 1999; GODELIER, 2001; MARTINS, 2002; BAPTISTA, 2002, 2008; BUENO, 2006, 2015; CAMARGO, 2004, 2008; GOTMAN, 1997; PITT-RIVERS, 2012; BINET-MONTANDON, 2011; MAUSS; HUBERT, 2005; CAMPOS, 2006). Segue-se com a explicitação do método etnográfico quanto às etapas, procedimentos e categorias, justificado pelo tipo de objeto e pela imersão do pesquisador nesse universo. Em seguida, discorre-se sobre os resultados alcançados, analisando as figuras do anfitrião e do hóspede, como essenciais para a compreensão da hospitalidade e

5 Conhecida como casa do acolhimento, é o espaço que acolhe o romeiro quando chega a Belém durante os 15 dias de Círio de Nazaré. Nesse espaço, ele é recebido com água, tem seus pés lavados, recebe alimentação quente, tem acesso a curativos e massagens, além de entretenimento e área para descanso.

do acolhimento e responsáveis pela manutenção das relações e vínculos entre ambas. Assim, também se trata dos locais de acolhimento que surgem espontaneamente, ao longo do trajeto, ou são previamente organizados com tal finalidade, considerados lugares provisórios de hospitalidade. Por fim, abordam-se as práticas de hospitalidade no acolhimento dos hóspedes pelos anfitriões, em um espaço concebido e organizado para acolher.

A Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, ao percorrer os 80 km até a Basílica, promove uma significativa manifestação religiosa, envolve sacrifício e atos de abnegação. Segundo Mauss e Hubert (2005), tal procedimento consiste em estabelecer uma comunicação entre o mundo sagrado e o profano. No sacrifício, está o ponto central do caminhante, mas, além das promessas que o motivam, a cada um dos participantes importa também o ambiente relacional, pois o acolhimento do “outro” é fundamental pelo seu papel integrador.

Hospitalidade e acolhimento: considerações necessárias

Para Baptista (2008, p.14), “falar em hospitalidade significa, justamente, ter em conta as múltiplas implicações presentes nessa dupla relação humana: a relação com o lugar e a relação com o outro”. A hospitalidade é fundada sob a noção de alteridade (GOTMAN, 1997) e, com isso, ganha destaque nas Ciências Sociais pela sua forma privilegiada de interação com seus múltiplos desdobramentos que podem subsidiar os estudos de relações sociais.

As relações sociais se constituem e se fortalecem por meio de uma forma particular e essencial de interação, que se torna a mediadora entre os anseios da coletividade (BUENO, 2015). Por essa interação, os indivíduos compartilham valores e tradições e assumem o compromisso de pertencimento. Desse modo, a hospitalidade supõe um sistema de relações sociais, dentro ou fora do registro das relações de interesse econômico e de poder.

O estudo da hospitalidade como dimensão da dádiva ganhou prestígio e alcance intelectual, a partir do início dos anos de 1980 (BUENO, 2015), com o grupo M.A.U.S.S. (Movimento Antiutilitarista em Ciências Sociais)⁶, fundado por intelectuais franceses. Esse grupo foi pioneiro em alcançar uma crítica sistemática e articulada do utilitarismo econômico, criando um importante processo de renovação das Ciências Sociais na França.

Com base nessa renovação, retoma-se a exploração metódica de todas as implicações da descoberta do sistema da dádiva efetuada por Mauss (2001), assim resumida: a tripla obrigação de dar, receber e retribuir constitui o universo socioantropológico sobre o qual foram construídas as sociedades antigas e tradicionais.

No dizer de Godbout (1999), o sistema da dádiva é um mecanismo social que está na base das propostas de aliança, dos pactos de paz e das propostas de vínculo – o antídoto contra a guerra e a hostilidade. A importância desse mecanismo se evidencia na economia moderna, sendo a principal fonte de exclusão, pois aparta o homem não só do mercado, mas também, ao longo do tempo, ameaça excluí-lo da própria sociedade (GODELIER, 2001).

Há um caráter dialético de “interesse e desinteresse, obrigação e espontaneidade [que] se confundem mais do que separam” (CAMPOS, 2006, p.141), que expressa a ideia da reciprocidade na dádiva. Para Godbout (2001), os três momentos do ciclo do dar, receber e retribuir, muitas vezes, confundem-se; do ponto de vista do ator, dar é retribuir, e vice-versa. Assim, esses momentos podem não ter o mesmo *status*, por exemplo, no caso da “caridade” a peregrinos que, na verdade, sentem que estão retribuindo. Para esse autor, há uma quarta esfera a ser considerada, a dádiva entre estranhos, como ocorre no caso do acolhimento no âmbito do voluntariado.

6 O termo M.A.U.S.S. também homenageia Marcel Mauss pelas suas contribuições no âmbito sociológico.

Para Baptista (2002, p.162), a hospitalidade implica “um modo privilegiado de relação com o outro, condição de urbanidade e civilidade”; e isso justifica a sua dimensão ética, pois, “as sociedades urbanas, à medida que se desenvolvem e se complexificam, vão perdendo o sentido da vida em comunidade”. Não é por acaso que se escolhe a metáfora da selva para nomear os modos de vida urbana, que muitas vezes se reduzem à luta pela sobrevivência (BAPTISTA, 2002).

Nesse sentido, a hospitalidade é fundamental para a valorização da qualidade das relações nos espaços sociais e para dar sentido à vida comunitária (BUENO, 2008). No entanto, ela passa pela permissão da ultrapassagem da fronteira, da porta, do limite do outro. Para Raffestin (1997), a passagem da exterioridade para a interioridade supõe a autorização ou convite, controlados por um rito – justamente a hospitalidade, que autoriza a transgressão do limite, sem recorrer à violência, e, como diz Gobout (1999), é o dom do espaço. Como “dom do espaço”, ela é acompanhada de numerosos rituais que balizam as fronteiras e enquadram o comportamento.

A postura hospitaleira é um “modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro” (BAPTISTA, 2002, p 158). Acolher alguém de forma hospitaleira significa, “abrir o espaço próprio sem reservas ou desconfianças” (BAPTISTA, 2008, p. 8), em uma articulação entre o conhecido e o desconhecido.

Essa relação social é sempre assimétrica – um recebe e o outro é recebido, um está no seu espaço e o outro entra no espaço que o acolhe. Segundo Avena (2006, p.140), o acolhimento pode ser entendido como:

Um ato voluntário que introduz um recém-chegado ou um estrangeiro em uma comunidade ou um território, que o transforma em membro dessa comunidade ou em habitante legítimo desse território e que, a este título, o autoriza a beneficiar-se de todas ou parte das prerrogativas que se relacionam com o seu novo status, definitivo ou provisório.

O acolhimento se manifesta de várias maneiras, e cabe salientar sua dimensão ética e a importância dos lugares de hospitalidade que potencializam a socialização dos indivíduos (BUENO, 2015). Para Baptista (2008), lugares de acolhimento significam lugares abertos. Nesses lugares, a hospitalidade encontra-se revestida de uma função acolhedora propícia a condições relacionais fundamentadas no espírito de doação e da solidariedade, ou seja: “o social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade que não são explicáveis, nem pela ótica do interesse individual, nem da burocracia estatal, mas do paradoxo da dádiva” (MARTINS, 2002, p.10). Em outras palavras, “Mesmo na caridade considerada muitas vezes como o tipo perfeito da dádiva gratuita, os caridosos estão retribuindo. Eles dão porque receberam muito” (GODBOUT, 1999, p.116).

As obras misericordiosas⁷ são aquelas que socorrem o próximo em necessidades corporais ou espirituais, estão no Catecismo Maior de São Pio X, foram publicadas pela Tipografia do Vaticano em 1905 e atualizadas em 1976. Recordam que a nossa fé deve se manifestar em atos concretos no cotidiano, destinados a ajudar ao próximo, corporal ou espiritualmente. São quatorze as obras de misericórdia, dentre as quais, sete são espirituais e sete, corporais⁸. Das sete obras de misericórdia corporais elencadas, quatro beneficiam o grupo de romeiros estudado, no âmbito dos hóspedes que são atendidos pelos anfitriões: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; dar abrigo aos peregrinos e assistir os enfermos.

7 Segundo Brusadin (2016), o conceito de misericórdia não é ter pena de alguém, e sim compaixão e solidariedade, enxergando o que o outro necessita.

8 Segundo São Pio X (2009), as obras espirituais são: dar bom conselho a quem tem dúvida; instruir os ignorantes; admoestar os pecadores; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo e rogar a Deus por vivos e defuntos. Já as corporais são: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar abrigo aos peregrinos; assistir os enfermos; visitar os presos; enterrar os mortos.

A Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, ao percorrer os 80 km até a Basílica, promove uma significativa manifestação religiosa, que pertence a esse patrimônio histórico do seu culto, e todo sacrifício implica um ato de abnegação. Para Mauss e Hubert (2005), no sacrifício, a consagração irradia-se para além da coisa consagrada: “Não há oferenda em que o objeto consagrado não se interponha igualmente entre o deus e o oferecedor e em que este último não seja afetado pela consagração”; e “em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado” (MAUSS; HUBERT, 2005, p. 15-17). No sacrifício, está o ponto central do caminhante, mas, além das promessas que o motivam, a cada um dos participantes importa, também, o ambiente relacional, pois o acolhimento do “outro” é fundamental pelo seu papel integrador.

O ato de acolher exige que o anfitrião pense no seu hóspede, entenda as suas necessidades. O acolhimento pode ser visto como um desafio regulado por leis não escritas para o anfitrião⁹. O não cumprimento dessas leis significa hostilidade e não acolhimento. Esse processo pode conter formas de comunicação verbal e não verbal, expressadas por rituais de acolhimento (CAMARGO, 2008). Binet-Montandon (2011) conta que a acolhida está sujeita a regras, ritos e tradições da hospitalidade e afirma que a hospitalidade é a abertura para o outro, mas que sempre há um risco de usurpação.

A noção de acolhida é atravessada por uma tensão contraditória que ora a torna um momento inaugural, um princípio organizador de toda a problemática da hospitalidade ao consolidar o acontecimento em conformidade com o status do anfitrião e do hóspede, e ora a contamina a ponto de dissolver e anular o ritual de hospitalidade por rituais de passagem numa lógica da interação que transforma o hóspede num membro integral da comunidade hospedeira. (BINET-MONTANDON, 2011, p. 1171)

As tensões da hospitalidade verificadas no contexto no ambiente doméstico, apontadas por Binet-Montandon (2011), são imperceptíveis no caso do grupo estudado, pois a cena hospitaleira se dá em um lugar criado para acolher, sem as questões territoriais de uma casa. Não há a real invasão do espaço do anfitrião pelo hóspede e, também, trata-se de um hóspede que permanece pouco. No caminho, a acolhida e a relação entre anfitriões e hóspedes têm características particulares: a devoção e a solidariedade são graças à devoção à Nossa Senhora de Nazaré.

Método etnográfico

A adoção da etnografia como método da pesquisa se justificou pelas imersões em anteriores edições – 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016 – do Círio de Nazaré, quando se compreendeu a sua importância para os residentes na cidade de Belém, o cotidiano da festa na vida e na cultura deles, bem como os momentos de encontro entre devotos anfitriões e devotos hóspedes, nos quais ocorrem ações de hospitalidade e surgem os lugares acolhimento. Como afirma Malinowski (1976), importa estudar o homem e principalmente aquilo que o liga à vida. Alves (1980) e Maués (2005) afirmam que o Círio de Nazaré é, para uma parte significativa dos paraenses, um fenômeno que os liga à vida e reforça os laços entre os membros desse grupo.

A etnografia contemporânea já não tem olhares só para grupos selvagens ou isolados, mesmo porque eles quase não existem e, quando existem, já sofreram ou sofrem as influências da globalização. Assim, são esses impactos que podem ser observados, medidos e quantificados, ao contrário daquelas experiências vivenciadas e relatadas entre o fim do século XIX e meados do século XX. Os tempos são outros, e a etnografia vem se adaptando às possibilidades dos novos pesquisadores.

9 Conforme Luiz Octávio de Lima Camargo, em ensaio escrito em 2008 e não publicado.

Além de o tempo, hoje, ser mais escasso por conta das demandas do mundo moderno, o pesquisador pode ter de enfrentar limitações de recursos para pesquisa. Havendo tal limitação, ele se aparelha, além do caderno de campo, de uma série de equipamentos para coletar todos os dados que julga necessários.

Atualmente, o método etnográfico é aplicado em pesquisas de diversas áreas do conhecimento, mediante adaptação à realidade do espaço, do contexto e das possibilidades do próprio pesquisador. Essas adaptações trouxeram a aplicação do método ao espaço urbano, onde o pesquisador pode se afastar de seu cotidiano e inserir-se no cotidiano de outro grupo, amparado por uma estrutura mais ou menos confortável, de acordo com a escolha do objeto e dos recursos disponíveis para a pesquisa.

A viagem para Belém, a fim de realizar a pesquisa de campo, teve início em 30 de setembro de 2017, antes do início da romaria, e com retorno a São Paulo em 30 de outubro de 2017, sete dias depois do término das festividades do Círio de Nazaré. No primeiro período, acompanharam-se as práticas de acolhimento durante a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré; no segundo, as práticas de acolhimento na entrada da cidade de Belém. A chegada dos romeiros à Basílica Nossa Senhora de Nazaré ocorreu no dia 5 de outubro, sendo que o pesquisador permaneceu em Belém até o dia 30 de outubro organizando as informações coletadas e acompanhando outras manifestações de acolhimento durante o período do Círio. Todo o material começou a ser analisado e classificado ainda em Belém, e sua seleção iniciou-se nos dias após o fim da festa, como sugere o método etnográfico.

No período da romaria propriamente dita, em outubro de 2017, ocorreram dois momentos da pesquisa:

- a) **Caminho para a Casa da Mãe:** acompanhamento da romaria, de 4 a 5 de outubro, percorrendo o trajeto de Castanhal a Belém, onde havia manifestações de acolhimento voluntário. A expressão “Casa da Mãe” era repetida quando esses devotos se referiam a Belém ou ao destino.
- b) **Bem-vindos à Casa da Mãe:** chegada a Belém, no dia 5 de outubro, percorrendo a avenida Almirante Barroso, via principal de acesso dos romeiros à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, onde havia também manifestações de acolhimento voluntário para atender aos devotos-romeiros.

Em uma pesquisa etnográfica, utilizam-se várias técnicas para a coleta de dados, que são selecionados e organizados para a descrição, análise e discussão dos resultados. Assim, na pesquisa de campo, foram coletados depoimentos dos sujeitos na forma de registros orais gravados, anotações do caderno de campo (escritas e gravadas), gravação de áudio, registro em vídeo e fotografias. Os áudios e vídeos com entrevistas e depoimentos foram transcritos, preservando a oralidade original, as fotos e vídeos foram selecionados em termos de relevância e qualidade, assim como as anotações do caderno de campo, compondo um rico material de dados.

As categorias de análise pré-definidas no início da pesquisa de campo, que nortearam os roteiros de observação e de entrevistas, foram se ampliando durante a própria realização da pesquisa e resultaram em: a) Participantes da romaria; b) Lugares de acolhimento; c) Práticas de hospitalidade.

Na categoria Participantes da romaria, houve necessidade não apenas de se recorrer à literatura sobre os movimentos e viagens de caráter religioso, mas também de adequar a tipologia dos participantes às especificidades da romaria e do Círio de Nazaré. Dividiram-se os participantes entre: anfitrião e hóspede.

Os anfitriões são todos os que ou criam lugares de hospitalidade ou atuam neles, ajudando os romeiros que se destinam e os que chegam a Belém, durante o período do Círio de Nazaré, minimizando os seus sofrimentos físicos ou criando lugares para a prática de acolhimento. Dessa forma, ajudam o romeiro a cumprir sua promessa e a participar dessa festa religiosa.

Os hóspedes são os beneficiados pelas ações planejadas e realizadas pelos anfitriões em lugares de hospitalidade durante o evento. Os turistas conceituados como turistas de fé são devotos de Nossa Senhora de Nazaré e podem ser romeiros promesseiros, não promesseiros ou solidários que se dirigem a Belém em sacrifício. Os turistas religiosos também são devotos de Nossa Senhora de Nazaré e se deslocam por diversos meios até a cidade para cumprirem promessas, para manifestarem sua devoção à santa ou para promoverem ações de solidariedade a esses devotos. Já os outros turistas não são motivados diretamente pela fé à santa, mas sim por manifestações culturais ou, na condição de residentes, pelo fato de se comportarem como turistas em sua própria cidade (GASTAL, 2006).

Na categoria Lugares de acolhimento, as três subcategorias foram se apresentando ao pesquisador na forma de: a) pontos de apoio durante a romaria; b) pontos de apoio na entrada de Belém.

Como fontes de evidência, realizaram-se: observação participante, entrevistas semiestruturadas com o coordenador e entrevistas abertas com os participantes da romaria e do Círio, além de depoimentos do coordenador do grupo e dos responsáveis pelos lugares de acolhimento no percurso de Castanhal a Belém, bem como de autoridades locais envolvidas no Círio 2017.

Hospitalidade e acolhimento na Romaria de Nossa Senhora de Nazaré

Anfitrião

No grupo estudado, percebe-se a circulação da dádiva. Segundo Martins (2002), para o grupo M.A.U.U.S., o social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade, que não são explicadas nem pela óptica do interesse individual, nem pela burocracia estatal, mas pelo paradoxo do dom. Os anfitriões dos romeiros de Nossa Senhora de Nazaré têm a intenção de fazer o melhor ao seu hóspede. De acordo com Rodrigues (2015), eles são responsáveis pela felicidade de seus hóspedes.

Esses anfitriões apresentam-se individualmente, em grupos organizados entre pessoas que se conhecem ou em grupos liderados, que atraem voluntários para suas propostas e práticas de hospitalidade durante o período do Círio de Nazaré. São muitas as ações de acolhimento descoordenadas que se complementam e se adaptam com o objetivo de atender às necessidades dos hóspedes (os romeiros), minimizando seus sofrimentos.

Como aponta Godbout (1999), no caso do grupo estudado, tanto hóspedes como anfitriões compartilham do sentimento de gratidão e de estarem em contato com ela por meio do sagrado. Não se deve esquecer que a gratidão é o reconhecimento do suprimento que circula e não é incluído na dívida (conta). Mesmo praticando a caridade, considerada muitas vezes como tipo perfeito de dádiva gratuita, os caridosos continuam praticando a gratidão, pois estão retribuindo; eles dão porque receberam muito.

Ao anfitrião cabe observar as necessidades do hóspede, para corrigir e verificar se há novas demandas, tentando atendê-las na ação do próximo ano. Normalmente, é uma ação planejada e coletiva: o anfitrião, já decidido a executar o acolhimento, escolhe o local com base em observações de acolhimento em anos anteriores, decide que tipo de prática ou práticas vai realizar no local escolhido para, depois, calcular a estrutura e os insumos de que necessita para a ação.

A atuação do anfitrião depende de sua limitação e disposição física ou, ainda, de algo que amplie sua capacidade de transportar as dádivas que vai distribuir. A dádiva é tudo o que é entregue ao romeiro para minimizar seu sofrimento, alegrar seu caminho ou colaborar para que cumpra sua missão, como copos e garrafinhas de água, sucos, refrigerantes, lanches, sopas, caldos, refeições, sorvetes, terços, fitinhas, cajados e bonés. Na figura 1, uma anfitriã distribuía 800 copos de água organizados em isopores na carroceria do seu automóvel.

Figura 1 – Anfitriã individual distribui água aos romeiros



Foto: Autor (2017).

No caminho da Casa da Mãe, a dádiva amplia-se e é percebida pelos romeiros de outras formas menos convencionais que a entrega de um copo de água ou comida que, de acordo com Montandon (2011), é a primeira atitude hospitaleira. Existem grupos que fazem rápidas encenações para os romeiros, outros trazem corais pra louvar a santa; há povoados que enfeitam suas entradas e queimam fogos¹⁰ para homenagear os romeiros que passam; há anfitriões que se dedicam a conversar e a incentivar seus hóspedes com palavras ou um abraço, como é o caso do Senhor Valter e família que, todos os anos, esperam os seus hóspedes desconhecidos na estrada, garantindo que eles recebam, além do abraço, uma cadeira na sombra, bem como a possibilidade de saborear uma laranja gelada e descascada ou de se refrescarem com água antes de seguirem (figura 2). Todas essas práticas de hospitalidade se iniciam com uma dádiva, confirmando o pensamento de Camargo (2004) de que a dádiva não é um ato isolado.

Figura 2 – Tenda do Senhor Valter e sua família na BR 316



Foto: Autor (2017).

Percebe-se que os grupos de familiares ou de amigos conseguem reunir várias opções para bem acolher os hóspedes, cujas práticas de hospitalidade transcorrem claramente em todos os tempos propostos por Camargo (2004). Ainda que de forma rápida, eles recebem os hóspedes com um abraço, abrigam-nos com a sombra promovida pela tenda e com cadeiras para descanso, alimentam-nos com uma laranja gelada e a água fresca, e os entretêm com os “causos” que contam.

O mesmo acontece nos grupos com líder, geralmente maiores do que os grupos familiares, que conseguem ampliar mais a sua atuação, como a tenda Unidas Pela Fé (figura 3). Com seus mais de sessenta voluntários, o grupo consegue ter uma estrutura maior com banheiros químicos, comida quente e várias opções de merendas, ambulatório para curativos e massagem, e até sistema de som para homenagear seus hóspedes ou entretê-los. A equipe é liderada por mãe Gilda, do terreiro Saman um Si, e pela católica Lucimar, representantes de diferentes religiões, que trabalham juntas para acolher os romeiros.

Figura 3 – Ambulatório da tenda Unidas pela fé na BR 316



Foto: Autor (2017).

10 Durante o dia, são fogos comuns que produzem efeito sonoro e, à noite, são fogos de vista que produzem o efeito sonoro e visual.

O anfitrião que promove as práticas de acolhimento, seja ele individual ou em grupo, tem como missão pensar no outro, em sua necessidade. Como o hóspede é desconhecido, necessita-se “desvendá-lo”, intuí-lo. Para tanto, é preciso observá-lo para, assim, chegar a entendê-lo e pensar em promover novas ações ou ações complementares no ano subsequente. Nota-se que o acolhimento, a caridade e a solidariedade são dimensões da hospitalidade que podem ser ativadas nas relações estabelecidas entre hóspedes e anfitriões (GRASSI, 2011).

Hóspede

A fé dos romeiros levando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré estabelece uma comunicação com o sagrado, cujas relações se repetem a cada ano durante as festas e parecem reforçar os vínculos, não apenas do romeiro com a santa, mas também do romeiro com seus anfitriões, formando uma espécie de comunidade reativada pela reciprocidade. Os hóspedes são os devotos de Nossa Senhora de Nazaré que, nesse caso, viajam caminhando do interior do Pará para a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, na capital do estado. Em grupo, eles dispõem de alguma estrutura de apoio e, em alguns casos, contam com um carro que transporta uma estrutura de cozinha e insumos. Quando conseguem melhorar a estrutura, acrescentam o carro da Santa, carro-guia geralmente com uma berlinda decorada, instalada no teto.

Entre os romeiros que caminham por dias, há relatos de que, durante as paradas, é sempre agradável e memorável o momento das refeições. Isso porque eles conversam entre si, sobre sua fé e suas dificuldades, e assim, enquanto comem juntos, se animam e reforçam laços que duram além da romaria, pois, de acordo com Boutaud (2011, p.1213), a comensalidade “é uma das formas mais reconhecidas da hospitalidade em qualquer época e em qualquer cultura”.

No entanto, há muitos romeiros que caminham sem recursos para se alimentar, portando apenas a roupa do corpo e dependendo totalmente da ajuda do anfitrião desconhecido. Na figura 4, um exemplo é a romeira Nilza Maria Pigatti Salvador, a mais antiga do grupo Zé Bode.

Figura 4 - Romeira Nilza Maria Pigatti Salvador do grupo Zé Bode



Foto: Autor (2017).

Segundo Bueno (2015), a hospitalidade pressupõe acolher e receber. Essa reação social sempre é assimétrica: um recebe; outro é recebido, mostrando a capacidade da hospitalidade de criar lugares que potencializam a socialização dos indivíduos. Gotman (1997) afirma que a hospitalidade é fundada sobre a noção de alteridade.

O sacrifício praticado na vida de seus parceiros de caminhada e no campo espiritual aproxima o romeiro da Mãe e o torna, de certa forma, sagrado; o sacrifício aparece como uma forma particular de dádiva (MAUSS; HUBERT, 2005). Encontram-se romeiros que não podem falar durante sua romaria, outros que não podem comer, ou que só podem beber água, ou ainda outros que correm e não podem parar. Em sua grande maioria, eles caminham com chinelos de borracha e meia.

As relações que se estabelecem e se repetem anualmente entre a população que acolhe e os romeiros que são acolhidos são mediadas pelo sagrado. A viagem, a romaria, têm sentido e objetivo sagrados: o hóspede não vai passear em Belém; ele vai visitar a Casa da Mãe e caminha com tal sentido e objetivo. Encontrar a Mãe em suas orações e cânticos feitos com o grupo, durante o caminho, tem como principal objetivo fazer a entrega de seu sacrifício ao entrar na Basílica e encontrar Nossa Senhora de Nazaré. Segundo Greenia (2018), a viagem sagrada pode ser vista como uma sequência ritualizada de fuga da vida normal e da rede social, durante a qual há uma imersão em um estado alterado de “liminaridade” ou de limiar, passando o indivíduo a viver em uma espécie de comunidade única de estranhos que forma sua própria sociedade.

O hóspede é desconhecido. Ninguém sabe quem vem exatamente, mas, de acordo com os anfitriões, a cada ano, aumenta o número de romeiros no trecho entre Castanhal e Belém. Alguns fazem a rota por anos consecutivos e, em determinadas ocasiões, há o reencontro entre hóspedes, romeiros, e anfitriões tradicionais, como Dona Lourdes, Senhor Valter, Gilda e Lucimar da Unidas pela Fé, que, muitas vezes, recebem velhos amigos caminhantes. Nesses casos, o hóspede, apesar de não ter avisado, é conhecido e sempre existe a possibilidade de uma conversa entre hóspede e anfitrião e um momento para foto de recordação. Na tenda de apoio de Dona Lourdes, existem vários painéis de fotos de visitantes dos anos anteriores, impressos em formato de *banners*. Nesses encontros de conhecidos, muitas vezes, existe um momento de oração, tornando a viagem sempre uma constante conexão com Nossa Senhora de Nazaré e com o sagrado.

O hóspede precisa de apoio para seguir o seu caminho até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Muitos deixam regiões remotas do estado e iniciam sua romaria desprovidos de recursos para viagem, não podendo transportar seu alimento por causa das longas distâncias e da conservação. A importância do apoio no caminho é assim retratada por um romeiro¹¹:

Ah, a melhor coisa [...] é muito importante! Às vezes a gente tá lá sem forças, com sede, é [...] sem glicose no corpo, sem energia aí vai e aparece alguém com algum bolo, ou um suco bom [...] e tudo é de qualidade, com amor, eles sempre motivando a gente, é muito importante mesmo pra gente continuar - sem eles eu acho que muita gente, a grande maioria não terminaria [...] porque teria que levar na bagagem e isso pesa, é muito, influencia muita coisa o peso, também. (Gustavo Gomes Prestes, 2017)

Esse depoimento reforça que a oferta de alimentos e outras ações de apoio ao romeiro está associada à possibilidade de concretização efetiva da rota pelo hóspede. Independentemente da classe social do romeiro, as práticas de hospitalidade no caminho são assim recebidas e sentidas pelos hóspedes como fundamentais para que milhares de romeiros cheguem à Basílica.

11 Adotou-se o recurso itálico para a transcrição dos depoimentos.

Lugares provisórios de hospitalidade

Quando, em setembro de 2017, iniciou-se o treinamento para realizar a pesquisa de campo, não se imaginava que a inquietude e curiosidade do pesquisador levariam a observar práticas de hospitalidade no trajeto percorrido, pois, de acordo com Bauman (2009), nos lugares, formam-se as experiências humanas e, segundo Baptista (2008), é necessário um lugar para que se manifestem os mecanismos da hospitalidade. Essas observações trariam as primeiras provocações de reflexão sobre a presença de lugares provisórios de hospitalidade no Caminho da Casa da Mãe.

Baptista (2002) compreende a hospitalidade como um modo privilegiado de relação com o outro, condição de “urbanidade e civilidade”, pois, segundo ela, à medida que as sociedades urbanas se desenvolvem e se tornam mais complexas, vão perdendo o sentido de vida em comunidade. Acolher alguém de forma hospitaleira significa “abrir o espaço sem reservas ou desconfiança”. Trata-se da articulação entre o conhecido e o desconhecido.

Os anfitriões apossam-se (por um tempo, horas ou dias) de um lugar público ou particular, normalmente inóspito, como os acostamentos ou canteiros de estradas, pátios de estacionamento de caminhões ou de postos de gasolina e, até mesmo, portas de cemitérios, dentre inúmeras possibilidades presenciadas. De certa forma, tais lugares têm identidade, significado e sentido, de forma que o hóspede, de longe, os identifica como um lugar de hospitalidade montado para atendê-lo. Trata-se de um tipo de lugar provisório, ou melhor, de lugares provisórios de hospitalidade, cenários onde se dão a cena hospitaleira e a prática da hospitalidade, lugares pensados e criados para acontecer o encontro entre anfitriões e hóspedes.

Durante a pesquisa de campo, quando o autor percorreu o trajeto de 80 km em 24 horas observando um grupo de aproximadamente 1.200 romeiros que caminhavam juntos, surgiam esses lugares, fornecendo, em sua maioria, água, café e merendas; mas havia também outros lugares com ofertas diversas: sanduíches, sucos, mingaus, pão, bolos, sopas, refeições completas, picolés, refrescos industriais, iogurtes, frutas e até o cuidado de um anfitrião que, entre suas ofertas, dava a opção de o hóspede escolher uma canjica servida com ou sem canela.

Os espaços podem ser uma tenda, uma mesinha improvisada, um porta-malas de carro aberto, uma toalha ou lençol estendidos no chão. Além disso, apresentam tempo previsto para começar e terminar, que pode durar uma, duas, três ou mais horas, um plantão de 24 horas ou até dias, como apurado nas entrevistas com anfitriões. Tudo isso para atender o outro, o hóspede desconhecido, os devotos que seguem a pé para Belém, nos dias que antecedem ao Círio de Nazaré.

Lugares para acolher são montados em ambientes diversos. Além dos já elencados como aparentemente mais inóspitos, tem-se outros anotados durante o trajeto, tais como: abrigos de ônibus, arraial de comunidades, entradas de sítios, capelas, janelas e portões abertos de casas que beiram a estrada, onde se colocavam à disposição dos romeiros as ofertas citadas. Com a oferta de abrigo e alimento de uma forma afetiva e humanitária, favorece-se o acolhimento (BAPTISTA, 2008). Tendo em conta o grande fluxo de romeiros, seria esperado que houvesse o oferecimento de serviços, no trajeto, e de espaços com oferta comercial de comida e bebida. No entanto, nos casos observados, oferecia-se tudo gratuitamente, nada era cobrado. Havia sempre algum devoto ofertando alimentos e bebidas para ajudar o devoto-romeiro a cumprir sua missão de chegar a Belém.

Percebe-se que muitos desses lugares inóspitos ou inicialmente não pensados para acolher pessoas, transformam-se em lugares provisórios de hospitalidade, a partir do desejo pessoal e da ação do devoto-anfitrião, interferindo visualmente no espaço para indicar que está recebendo e oferecendo suas dádivas em formato de alimentos, cajados, espaços para descanso, curativos, entretenimento e outras ofertas, a fim de atender o hóspede desconhecido, o devoto-romeiro. Assim, com suas interferências, o anfitrião ressignifica o lugar, transformando-o em lugar provisório de hospitalidade.

Ao refletir sobre o que se viu nas manifestações, durante o caminho percorrido pelos romeiros, passou-se por aqueles lugares de hospitalidade e, com as informações coletadas em entrevistas, percebeu-se que tais lugares eram provisórios, aconteciam somente naquele período e dentro daquele contexto. Eles surgem pelo desejo e ação do devoto-anfitrião, cujos espaços passam por intervenções físicas também provisórias, onde se promove a distribuição de dádivas, recebendo, assim, um novo significado provisório.

Normalmente, tratam-se como lugares de hospitalidade os lugares permanentes, pensados ou planejados para tal finalidade, como a sala de visita e o quarto de hóspede de uma residência, que são lugares marcados e com função hospitaleira. O mesmo pode ocorrer no espaço público, quando se oferece um equipamento para a comunidade e visitantes, ou no espaço comercial, quando se constrói um hotel ou um restaurante para atender à demanda de um público determinado. Até no espaço virtual se depara com espaços de hospitalidade permanente: o site da São Paulo Turismo, por exemplo, está no ar informando e convidando o hóspede para que tenha uma boa experiência em São Paulo.

Ao se pensar na classificação dos espaços propostos no início das reflexões sobre hospitalidade de Camargo (2004), percebe-se que o autor tratava principalmente de espaços permanentes. Cabe a este trabalho chamar a atenção para as possibilidades de estudo do lugar provisório de hospitalidade, onde, muitas vezes, lugares jamais pensados para acolher se transformam em lugares provisórios e neles acontecem as práticas de hospitalidade.

Práticas de hospitalidade

Paralelamente às práticas devocionais, observam-se dimensões complexas de preparação e participação. Essas ações são mediadoras entre os anseios individuais e os coletivos, e elas suprem as necessidades simbólicas. Na festa coletiva, repleta de significados, e no contato compartilhado, percebe-se o valor da tradição do acolher, que se renova a cada edição, tornando-se lugar propício para prática da hospitalidade, como afirma Bueno (2006).

Receber bem, melhorar sempre a proposta de acolhimento e, se possível, ampliá-la na próxima edição do Círio de Nazaré foi o desejo mais citado pelos anfitriões que promovem o acolhimento dos romeiros. Percebe-se, nessa proposta, um sentimento de proteção do hóspede, tal como apontado por Pitt-Riviers (2012). Muitas vezes, o anfitrião teve uma primeira ou muitas experiências de acolhimento em outros grupos e parte para sua ação individual. Contudo, a regra é a mesma: receber bem, e da melhor forma possível, os hóspedes. Na figura 5, vê-se uma mesa de café da manhã preparada por um grupo de professores da cidade de Castanhal para os romeiros do grupo Zé Bode.

Figura 5 – Café da manhã oferecido aos romeiros



Foto: Autor (2017).

Tais práticas são planejadas com antecedência, pois demandam encontros, cálculos, previsões, compras de insumos e outras ações que necessitam também de um planejamento financeiro para arrecadar os recursos necessários. Elas são financiadas de várias formas: recursos próprios do anfitrião, rateados pelos participantes do grupo ou angariados pelo grupo por meio de rifas, festas e outras campanhas.

O local para realizar a prática geralmente parte da observação feita pelo anfitrião no ano anterior, quando ele já escolhe o local de atuação, observa algumas características do romeiro que passa por aquele local, seu futuro hóspede, e preparara-se para recebê-lo de acordo com a situação prevista. Um bom exemplo são os anfitriões da Avenida Gentil Bittencourt, na entrada da cidade de Belém, que usam bandeja para se deslocar com sua oferta até o romeiro se ele estiver passando na outra calçada porque, naquele ponto do trajeto, ele não tem mais energia para atravessar a avenida; assim, foi encontrada a solução - as bandejas - para servir.

Nos dias que sucedem o Círio de Nazaré, durante a Quadra Nazarena, o assunto que prevalece entre os anfitriões é a ação realizada e, concomitantemente, o planejamento para a próxima, geralmente, com proposta de melhoria e ampliação da ação. A família Lima, por exemplo, atua entre os seus ou com seus grupos, acolhendo, na madrugada da quinta-feira, a Romaria do Zé Bode e, nas noites de quinta e de sexta-feira, com o grupo de amigos do Clube do Remo. Eles planejam abandonar o hábito de assistir anualmente à trasladação e avançar com as práticas de acolhimento para o sábado na Avenida Gentil Bittencourt, quando já não há acolhimento para os romeiros, pois os anfitriões estão participando da trasladação e das festividades em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré.

Nesse planejamento, os anfitriões expressam o forte desejo de aumentar, de ampliar a ação: se o anfitrião distribuiu 10 litros de café, no ano seguinte, pretende distribuir 15; se não tem o recurso, ele vira um facilitador e busca os recursos entre os amigos. Tem-se, assim, a quarta obrigação do sistema da dádiva: a dádiva entre estranhos. Dá-se aos deuses e aos que o representam sem esperar retribuição (GODELIER, 2001).

No caso do grupo estudado, fica nítido que a dádiva distribuída pelos devotos-anfitriões é uma retribuição por gratidão a feitos do sagrado; assim, não é gratuita, pois já é uma retribuição, uma contra-dádiva. Ela é representada como forma de circulação original e distinta, pois é “qualquer prestação de bens ou de serviço sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas” (GODBOUT, 1999, p.29).

A manutenção das práticas de hospitalidade e distribuição de dádivas, durante o fenômeno religioso e cultural, retoma o sentimento de comunidade e minimiza os efeitos “selva” apontados por Baptista (2002) e faz, como diz essa autora, o anfitrião embarcar na aventura da solidariedade.

Conclusões

Ao longo do presente artigo, cujo objeto de análise foi a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, buscou-se evidenciar as manifestações de hospitalidade e acolhimento que acontecem no trajeto do grupo de Castanhal até Belém, por ocasião da festa do Círio de Nazaré. A pesquisa etnográfica realizada demonstrou como ambos os conceitos se manifestavam em uma situação concreta, na qual o pesquisador se viu inserido entre os romeiros, compartilhando os mesmos momentos por eles vividos.

Desse modo, as relações estabelecidas entre a população que acolhe e os romeiros que são acolhidos ultrapassam a comunicação interpessoal. Elas são mediadas pelo sagrado, e não pelos indivíduos; são irmanados na fé, no fato de serem todos filhos de Nossa Senhora de Nazaré, independentemente de sua religião, como se pôde observar nos diversos anfitriões não católicos, que promovem ações de acolhida aos hóspedes romeiros. Nesse contexto, a hospitalidade encontra-se revestida de uma função acolhedora propícia às condições relacionais fundamentadas no espírito da dádiva e da solidariedade. Todos esses aspectos são visíveis quando analisa a romaria em questão e dão conta da impossibilidade de apartá-la deles, demonstrando a necessidade de tais práticas de acolhimento e hospitalidade para a continuidade dela.

No caminho que surge entre Castanhal e Belém, observou-se que o movimento iniciado por Zé Bode e fortalecido pela parceria com o professor Nazareno até hoje mantém e amplia a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. Conforme os relatos dos romeiros, esse caminho tornou-se referência mediante a propagação de suas edições, atraindo mais romeiros para a rota; e mais romeiros na rota atraem mais anfitriões. Na visão dos romeiros que já repetem sua jornada por alguns anos, quanto maior for a quantidade de anfitriões, maior será a quantidade de romeiros no ano seguinte, pois existe uma espécie de “telefone sem fio”: as notícias vão sendo levadas pelos romeiros quando eles retornam às suas cidades de origem e contam seus casos e “causos” durante a romaria. Eles são como heróis, respeitados pela forte fé, pela coragem, pela capacidade de conquista. Dessa forma, são ouvidos por seus concidadãos, e suas histórias vão espalhando a fama do acolhimento na rota entre Castanhal e Belém.

O que se vê no trecho de oitenta quilômetros, compreendido entre as cidades de Castanhal e Belém, é o surgimento natural de uma rota religiosa. Nos dias que antecedem o Círio de Nazaré, muitos grupos de várias regiões do Pará dirigem-se à Castanhal e ali iniciam suas romarias, por saberem que, no trecho entre essa cidade e a basílica de Nazaré, nesses dias, existe acolhimento promovido pela população residente às margens ou próxima à estrada, bem como pela população da cidade de Belém.

Também se sabe da existência do grupo mais tradicional que percorre o caminho, popularmente chamado de grupo do Zé Bode. Ele foi o incentivador das práticas de acolhimento que, hoje em dia, estão cada vez mais presentes no percurso e atraem outros grupos. Ademais, esse grupo representa um modelo para outros grupos que surgem.

Os romeiros - individuais ou em grupos organizados - que, inspirados pelo romeiro Zé Bode e outros pioneiros, praticam, nos dias que antecedem o Círio de Nazaré, a romaria entre Castanhal-Belém, enquadram-se em todas as características da peregrinação apontadas por Greenia (2018) em seu artigo *What is Pilgrimage*. Os romeiros também celebram uma localização e se destinam a ela, deixando seu local de origem, percorrendo longas distâncias, praticando rituais que tornam a jornada, para o indivíduo e para o grupo, inesquecível, memorável.

Apesar do grande número de romeiros na rota descrita, ainda não há, por parte do poder público, o seu reconhecimento, tampouco há nenhum movimento ou iniciativa governamental para criar infraestrutura para ela. A falta de infraestrutura para atender aos romeiros gera um grave problema ambiental, causado pelo descarte aleatório - e em grandes proporções - de embalagens plásticas de inúmeros tipos e tamanhos, ao longo de todo o caminho.

Acredita-se que possibilitar uma estrutura para coleta seletiva de resíduos e realizar um trabalho de educação ambiental junto ao romeiro, além de também propor uma destinação para o material coletado, mediante parcerias com cooperativas de catadores, por exemplo, minimizaria os impactos negativos da rota. O intenso fluxo pontual e anual de romeiros do Círio de Nazaré precisa ser administrado de forma mais sustentável, em especial no trecho Castanhal-Belém, a fim de beneficiar todos os envolvidos e consolidar essa rota religiosa com um melhor aproveitamento turístico.

De acordo com Bueno (2015), as relações sociais constituem-se e fortalecem-se por meio de uma forma particular e essencial de interação e torna-se mediadora entre os anseios da comunidade. Promover ações a favor das questões ambientais, associadas às práticas de acolhimento, pode fortalecer a rota e transformá-la em um atrativo regional e em um produto importante do turismo religioso brasileiro e internacional. Com isso, as cidades situadas no decorrer do caminho poderiam se organizar e oferecer um acolhimento melhor aos romeiros, criando pontos de apoio com água e banheiro. Há ainda a possibilidade de associar a essa rota patrimônios culturais de realce nas cidades que a compõem, de forma a consolidá-la como rota permanente, e não sazonal.

Referências

- ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- AVENA, Biagio M. *Turismo, educação e acolhimento: um novo olhar*. São Paulo, Roca, 2006.
- BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista de Hospitalidade*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, ano V, n. 2, dez. 2008, pp. 5-14.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: Dias, C. M. de M. (Ed), *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, Manole, 2002, p. 157-164.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade, a busca para uma segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.
- BINET-MONTANDON, Christiane. Acolhida: uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo, Senac, 2011, pp. 1171-1184.
- BOUTAUD, Jean Jacques. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo, Editora Senac, 2011, pp. 1213-1230.
- BRASIL. *Segmentação do turismo: marcos conceituais. Orientações básicas*. Brasília, Ministério do Turismo, 2006.
- BRASIL. *Turismo cultural. Orientações básicas*. 3.ed. Brasília, Ministério do Turismo, 2010.
- BUENO, Marielys Siqueira. *Acolhimento em ambientes turísticos e não turísticos*. São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, 2015. (Comunicação oral).
- BUENO, Marielys Siqueira. Festa: o dom do espaço. *Revista de Hospitalidade*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, ano III, n. 2, 2. semestre 2006, pp. 91-103.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo, Aleph, 2004.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Projeto Conscientização para o Acolhimento*. Documento não publicado. São Paulo, 2008.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. O outro como fim: a caridade como mimesis do Deus. Implicações teóricas. In: MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. *Polifonia do dom*. Recife, Editora Universitária UFPE, 2006, pp. 141-164.
- GASTAL, Susana. Turista Cidadão: *Uma contribuição ao Estudo da Cidadania no Brasil*. In: *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/153045190808854777108231357126206582002.pdf>. Acesso em 23/05/18
- GODBOUT, Jacques T.; CAILLÈ, Alain. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- GOTMAN, Anne. La question de l'hospitalité aujourd'hui. *Revue Communications*, Paris, Editions du Seuil, n. 65, 1997, pp. 59-68.
- GRASSI, Marie-Claire. Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo, SENAC, 2011, pp. 45-54.
- GRENI, George D. What is Pilgrimage?. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*. V.6, Iss. 2, Art. 3, 2018. Disponível em: <https://arrow.dit.ie/ijrtp/vol6/iss2/3>. Acesso em 20/12/18.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MARTINS, Paulo Henrique. Prefácio. In: MARTINS, Paulo Henrique (org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 7-15.

- MAUÉS, Heraldo. “Feliz Círio!” – Relatos, interpretações e memórias afetivas de um casal de antropólogos. In: FIGUEIREDO, Sílvio Lima (Org.). *Círio de Nazaré, festa e paixão*. Belém, EDUFPA, 2005.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70, 2001.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo, Cosac Naify, 2005.
- MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo, Editora Senac, 2011, p. 31-37.
- PITT-RIVIERS, J. The Law of Hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2, 2012, pp. 501-517.
- RAFFESTIN, Claude. Réinventer l’hospitalité. *Communications*, Paris, Editions du Seuil, n.65, 1997, pp. 165-177.
- RODRIGUES, Jeferson Ferreira. “Alarga o espaço da tua tenda”: uma abordagem teológica da hospitalidade inter-religiosa. Dissertação de mestrado, Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

Recebido em: 19/11/2019

Aprovado em: 18/05/2021

Como citar este artigo:

FRUGOLI, Ricardo; REJOWSKI, Mirian e BASTOS, Sênia Regina. Hospitalidade e acolhimento na romaria de Nossa Senhora de Nazaré. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 2, maio - agosto 2021, pp. 754-769.